

Recessão, inflação zero e, agora, estagnação

Ariovaldo dos Santos — 29/3/83

Henrique Ruffato

Coriolano Gatto

A economia brasileira nos anos 80 funcionou como uma espécie de laboratório para todo o tipo de teoria: da ortodoxia experimentada em fins de 1982 durante o último governo militar, com uma recessão em dose elevada e taxas altíssimas de desemprego, à heterodoxia do Plano Cruzado, em 1986, quando o país viveu, por alguns meses, o sonho da distribuição de renda e da inflação zero. Apesar de palco de experimentos tão distintos, o laboratório, pelo visto, não produziu os resultados esperados e a década termina sob o signo da estagnação, em que pese o suspiro de 1989, ano em que a economia poderá crescer até surpreendentes 3%.

Os brasileiros não sentirão saudades da década que está indo embora. Não faltam razões para isto. O Produto Interno Bruto (PIB), o conjunto de riquezas produzidas no país, cresceu, em média, apenas 2,9% ao ano, contra a média de 6,1% dos anos 70. Esta expansão, na verdade, é quase nula, se for levado em conta que a população cresce 2,2% ao ano, e no mínimo 1,5 milhão de empregos precisariam ser criados.

Concentração — E o que é pior: a renda *per capita* vem diminuindo 0,2% ao ano desde 1981, sinal evidente de que uma boa parte da população ficou mais pobre, embora um pequeno grupo, integrado pelos beneficiários do sistema financeiro tenha abocanhado uma parcela maior da renda nacional.

A poupança interna caiu bastante e o Estado, que na década de 70 investia muito, passou a sugar uma grande massa de dinheiro, antes direcionada para o desenvolvimento. Em números globais, a poupança interna era de 19,2% do PIB e hoje alcança, na média da década de 80, 17,1%, com a diferença que toda ela é produzida pelo setor privado. Também a arrecadação tributária como um todo caiu de 25% do PIB, nos anos 70, para algo em torno de 22%, nos últimos cinco anos, segundo as contas do Banco de Dados da Fundação Getúlio Vargas.

Os investimentos, na mesma proporção, despencaram. Agora a média da década alcança os 18,5%, segundo cálculos dos economistas da UFRJ, e ano a ano, ao longo da década, as empresas — nacionais, estrangeiras e estatais — reduziram seus investimentos e uma prova evidente disso fica por conta dos saltos no consumo.

Reboque — “Houve mais falha na aplicação das teorias do que na sua



Com a recessão de 1983 vieram os saques e os supermercados deram armas a funcionários

fórmulação. As políticas, na prática, não foram condutoras e a economia foi a reboque”, observa o economista Salomão Quadros, da Fundação Getúlio Vargas, autor de um detalhado estudo sobre a década, resumindo a incapacidade dos governos Figueiredo e Sarney em colocar o país nos trilhos.

O então todo-poderoso ministro do Planejamento, Delfim Netto, é um exemplo sintomático de como um mesmo governo pode adotar teorias tão distintas para tirar a economia do buraco e chegar a resultados pouco animadores. Em 1979 e 1980, a ordem do governo era gastar, fazer investimentos públicos de retorno duvidoso e tocar o país para frente.

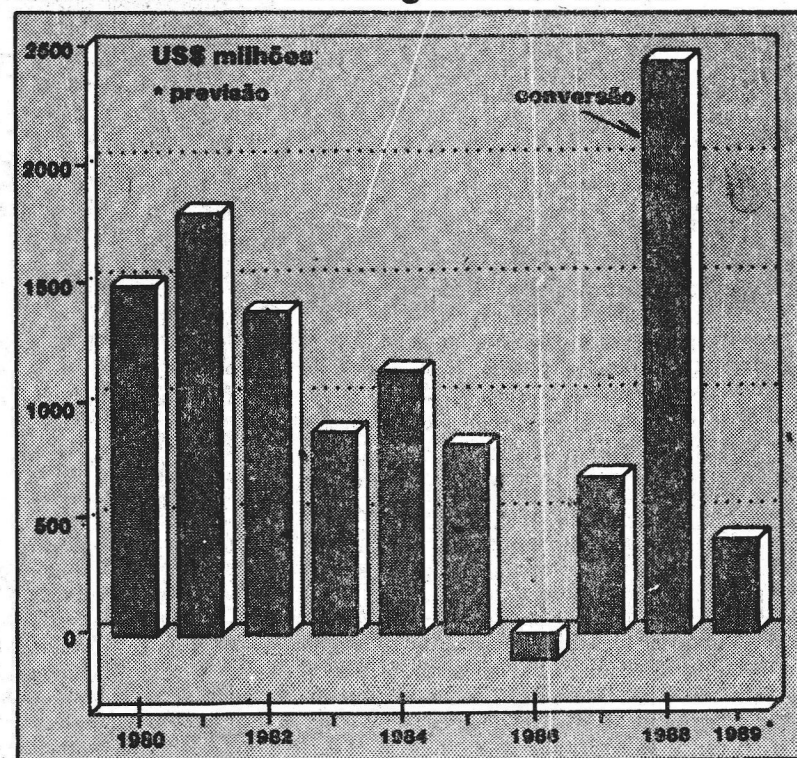
Não é à toa que 1980 prometia uma década brilhante pela frente: a economia cresceu 9,3%, e o ministro Delfim seguia a cartilha do desenvolvimentismo, adotando fórmulas nada ortodoxas para dar um meio calote na dívida interna, com o tabelamento da correção monetária.

Na verdade, porém, tudo não passou de promessa, pois no ano seguinte a mesma economia encolheria 4,4% e, em 1983, o PIB cairia outros 3,5%; a taxa de

desemprego bateu todos os recordes, houve saques em todo o país (o que levou os supermercados a contratarem guardas armados) e o governo assinou o acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), logo após as eleições de novembro de 1982. De heterodoxo, Delfim pulou para a cartilha dos ortodoxos e tratou de puxar com vigor as taxas de juros e a recessão veio a galope. Esta mudança da orientação da política econômica tinha um bom motivo: a séria crise cambial experimentada em fins de 1982.

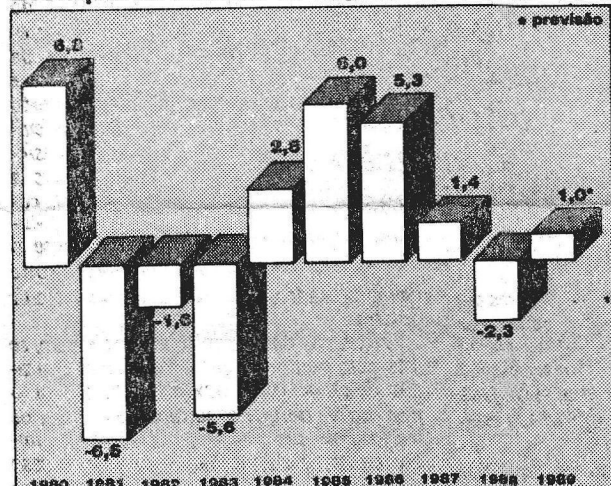
O surto de desenvolvimento aqui combinado ao segundo choque do petróleo lá fora e depois a conseqüente disparada das taxas de juros internacionais empurraram o país para o abismo. Para se ter uma idéia, as reservas cambiais em 1982 eram de apenas US\$ 932 milhões, dinheiro que não é suficiente nem mesmo para um mês de importações, um contraste perto dos mais de US\$ 12 bilhões registrados no final da década de 70. Foi este sinal vermelho que levou o governo a apelar para ortodoxia, cujos resultados só foram sentidos em 1984.

Investimentos estrangeiros no Brasil



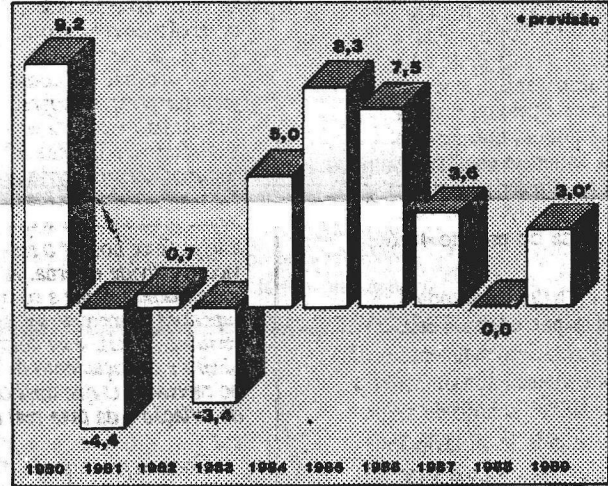
Fonte: Banco de Dados da FGV

Evolução da Renda Per Capita (%)



Fonte: Banco de Dados da FGV

Crescimento do PIB (%)



Fonte: Banco de Dados da FGV